

**A IDEIA DE FORMAÇÃO HUMANA E ENSINO NO LIVRO IV DO TRATADO A  
DOCTRINA CRISTÃ, DE AGOSTINHO DE HIPONA**

**THE IDEA OF HUMAN TRAINING AND TEACHING IN BOOK IV OF THE  
TREATY *THE CHRISTIAN DOCTRINE*, BY AUGUSTINE OF HIPONE**

Ester Emerick Nascimento<sup>1</sup>  
Paula Mayara Gonçalves da Rocha<sup>2</sup>  
Terezinha Oliveira<sup>3</sup>

**Resumo**

O objetivo deste artigo é discorrer sobre a ideia de formação humana e ensino, presentes no livro IV do tratado *A Doutrina Cristã*, escrito por Agostinho de Hipona (354-430). A fonte utilizada está dividida em quatro livros e escolhemos o último intitulado ‘Sobre a maneira de ensinar a doutrina’ no qual o autor trata sobre: os princípios fundamentais da arte da oratória, o estudo da oratória nos textos sagrados, estilos de oratória e regras de eloquência. Este estudo é de caráter bibliográfico e cumpre-se observar que a base teórica é a discussão a respeito da história social e longa duração. Nossa hipótese é que Agostinho, ao trazer o modelo de um mestre sacro, ou seja, um mestre sábio e eloquente, contribuiu para termos uma tipologia daquilo que pode ser um educador. Consideramos que há um modelo de formação humana nos escritos agostinianos que contribuiu para a formação do orador cristão medieval e serve de exemplo para o educador contemporâneo.

**Palavras-chave:** História da Educação; medieval; ensino.

**Abstract**

The objective of this article is to discuss the idea of human formation and teaching present in book IV of the *Christian Doctrine*, written by Augustine of Hippo (354-430). The source used is divided into four books and we chose the last one entitled ‘On the way of teaching the doctrine’ in which the author deals with: the fundamental principles of the art of oratory, the study of oratory in sacred texts, styles of oratory and rules of eloquence. This study is bibliographic in nature and it should be noted that the theoretical basis is the discussion regarding social history and long-termism. Our hypothesis is that Augustine, by bringing the model of a sacred master, that is, a wise and eloquent master, contributed to having a typology of what an educator can be. We consider that there is a model of human formation in Augustinian writings that contributed to the formation of the medieval Christian orator and serves as an example for contemporary educators.

**Keywords:** History of Education; medieval; teaching.

<sup>1</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação (PPE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Área de pesquisa: História da Educação, Políticas e Práticas Pedagógicas. Email: nosmjc@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação (PPE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Área de pesquisa: História da Educação, Políticas e Práticas Pedagógicas. Email:pg405052@uem.br

<sup>3</sup> Professora Titular da Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Fundamentos da Educação e Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE). Área de Pesquisa: História da Educação, História Antiga e Medieval e Filosofia Medieval. Email: toliveira@uem.br

## **Introdução**

Nesse artigo temos como objetivo discorrer sobre a ideia de formação humana e ensino presentes no livro IV do tratado *A Doutrina Cristã*, escrito por Agostinho de Hipona (354-430). Este pensador nasceu em 354 em Tagaste, na África. Seu pai, Patrício, era pagão e converteu-se já no final de sua vida e sua mãe, Mônica, foi uma mulher cristã. Após ter frequentado escolas em Tagaste e Madaura, por intermédio de apoio financeiro de um amigo de seu pai, foi para Cartago estudar. Sua formação foi em língua latina e Cícero foi durante muito tempo seu modelo e referencial (cf. Reale; Antiseri, 2003, p. 81).

Neste dado momento da história o papel do retórico tinha perdido a conotação política e civil, tornando-se um papel de ensino, fazendo com que o bispo de Hipona atuasse na condição de professor de retórica em Tagaste (374) e no Cartago (375-383). Mais tarde, mudou-se para Milão e assumiu o cargo oficial de professor de retórica e neste momento passa por profundas reflexões espirituais e converte-se ao cristianismo. Sua produção literária é muito vasta, contando com escritos dogmáticos, teológicos, filosóficos, apologéticos e exegéticos. Foi o primeiro pensador cristão a construir uma ideia madura sobre as discussões de fé, filosofia e vida. Viu no homem o reflexo de Deus Trino (cf. Reale; Antiseri, 2003, p.84).

Sua obra intitulada *A Doutrina Cristã* começou a ser escrita no ano de 397, início do episcopado de Agostinho, quando o autor redigiu os três primeiros livros. O quarto livro, que comentaremos, foi escrito entre 426 – 427. Para os estudiosos Eugenio Portelié (cf. 1931) e Gustave Bardy (cf. 1946), a obra de Agostinho em questão possui um caráter didático e pastoral servindo de orientação aos cristãos cultos, entendendo que o conteúdo da obra integra um conjunto de regras para a compreensão das escrituras ou método para o estudo dos ensinamentos bíblicos (cf. Oliveira, *In: Agostinho*, 2002, p.11).

### **1 – A retórica no livro IV de *A Doutrina Cristã***

O livro IV ‘Sobre a maneira de ensinar a doutrina’, é uma explicação que Agostinho evidencia a respeito da arte da oratória. Nele, ele esclarece a necessidade do orador sacro procurar ser sábio e não eloquente. A nosso ver, a diferença da retórica antiga da cristã incidirá na forma como seria praticada. Enquanto a retórica greco-romana primava pela eloquência, o orador cristão, deveria ensinar e convencer com a linguagem simples e moderada. Ter um discurso ordenado e criterioso faria parte do sistema de aprendizado da época que contava com

o uso de alegorias<sup>4</sup>. O uso de alegorias facilitava tanto o aprendizado dos mestres, quanto a transmissão desse conhecimento bíblico à comunidade eclesial. Nisso, observamos que a educação no período dos padres da igreja era dada por meio dos textos literários bíblicos, sendo parte de um estudo paciente e comprometido com a técnica da oratória, pois, nesse tempo histórico, a comunicação entre as pessoas era majoritariamente oral.

A escolha do Livro IV foi determinada pelo conteúdo educacional de um modelo de formação humana presente na escrita de Agostinho. No texto observamos que a partir da discussão sobre os princípios fundamentais e o estudo da arte da oratória pretende-se demonstrar aos mestres que é necessário expor as questões de maneira que elas sejam entendíveis a qualquer público. Os temas expostos por eles, que eram os sermões embasados nas escrituras sagradas, deveriam ser evidenciados com segurança e certeza, fazendo uso da arte da palavra para a finalidade daquilo que era considerado justo pelos doutores da Igreja.

Neste sentido, nosso propósito é fazer com que, por intermédio de nossa análise do Livro IV, o leitor possa compreender a necessidade da palavra, da linguagem e do aprendizado para a formação educacional. Nossa hipótese é que Agostinho, ao trazer o modelo de um mestre sacro, ou seja, um mestre sábio e eloquente, contribuiu para termos um exemplo do que deveria ser um educador. Desta forma, poderíamos pensar num educador que fosse capaz de ensinar a ciência e os princípios culturais do seu tempo histórico de modo consistente e fundamentado.

## **2 – O uso da retórica na análise das escrituras**

Nossa discussão está respaldada no que Jacques Le Goff (cf. 2013) compreende a respeito do passado/presente, ou seja, um movimento dialético da história no qual o tempo é um elemento de fundamental relevância. Além disso, para este historiador francês, os indivíduos que compõem a sociedade, sentem-se compelidos a procurar no passado suas raízes. A partir daí, se espelham nos grandes homens que existiram, procurando neles suas identidades.

Outro autor que nos serve de amparo para compreensão dos escritos de Agostinho, é Maurice Halbwachs (cf. 1990). Ele nos permitirá compreender que nossa existência ocorre por meio das memórias individuais, por meio da ideia de que as lembranças coletivas vão além de uma só realidade, o que certifica que nunca estamos sós e que nossos pontos de contato servem para reconstruir a partir de dados em comum, nossa noção de mundo. Embora a memória

---

<sup>4</sup> De acordo com Giovanni Reale e Dario Antiseri (cf. 2003), alegoria é uma imagem que representa um conceito de forma simbólica. Filon de Alexandria (25 a.C - 50 d.C) foi quem aplicou este método sistemático de estudo das escrituras sagradas. De acordo com ele, os personagens bíblicos eram passíveis de serem interpretados filosoficamente utilizando-se de alegorias, sua chave de interpretação da Bíblia.

coletiva não se confunda com a individual, ela empresta ao indivíduo lembranças históricas, as repercussões destas lembranças no coletivo e a pessoa pode relacionar os acontecimentos históricos com fases de sua vida.

Acerca do conceito de longa duração, faremos o uso da concepção defendida por Fernand Braudel (cf. 1969;1990), entendendo que o que movimenta nossas pesquisas são as percepções que temos do mundo e o que possuímos de memória histórica para que possamos fazer nossas associações. Dado que, a sociedade passa por inovações e a história descortina em frente aos nossos olhos com mudanças, manutenção de tradições, memória individual e coletiva, linguagem e condição de aprendizagem, ou seja, compreendemos que o tempo é a estrutura que define os grupos e reúne os fragmentos que delinea a história. Portanto, nos fará sensíveis ao nosso objeto de estudo, em nosso caso a educação. Logo, existem conceitos que ainda iremos nos apropriar deles, conceitos que ainda iremos nos familiarizar. Esta apropriação e familiarização acontecerá por meio das leituras de textos filosóficos, históricos e sociológicos, porque por meio deles compreendemos a natureza do homem, a história do homem e a ciência do homem.

Observa-se que a educação como processo formativo na cultura ocidental serve para humanizar o homem. Compreende-se que este não nasce pronto e necessita mediante a transmissão de conhecimentos e saberes tornar-se humanizado. Logo, a partir da instrução sistematizada dar-se-á o processo de desenvolvimento e constituição do homem (cf. Severino, 2006, p.621). Mediante a leitura de ‘Sobre a maneira de ensinar a doutrina’, perceberemos essa função formativa dos escritos filosóficos cristãos. Veremos um discurso que manifesta a importância da leitura sacra de forma a transmitir com simplicidade e entendimento.

Agostinho explicita na discussão no livro IV como deve ser ensinada e transmitida a doutrina das escrituras. A princípio, ele pondera que não se trata de uma obra de retórica:

Advirto, de início, refreando a impaciência dos leitores, que talvez suponham que vou lhes dar preceitos de retórica que aprendi a comunicar nas escolas profanas. Previno que não esperem isso de mim — não que esses preceitos sejam sem utilidade (Agostinho, *A doutrina cristã*, IV, c. 2, § 2, 2002, p. 208).

Esse talvez, seja o ponto importante para entender o conjunto de suas explicações, compreender que aqui ele deixa claro que seus métodos de estudos são para os cristãos. Assim,

Agostinho convida as ‘pessoas honestas’ a fazer o uso da oratória para levar a justiça e o zelo em favor daquilo que é considerado como verdade<sup>5</sup> para o autor:

Visto que a arte da palavra possui duplo efeito (o forte poder de persuadir seja para o mal, seja para o bem), por qual razão as pessoas honestas não poriam seu zelo a adquiri-la em vista de se engajar ao serviço da verdade? Os maus põem-na ao serviço da injustiça e do erro, em vista de fazer triunfar causas perversas e mentirosas (Agostinho, *A doutrina cristã*, IV c. 2, § 3, 2002, p. 209).

A crítica do autor em relação ao uso da retórica para outros fins que não seja a análise das escrituras leva-nos a entender que a sabedoria e a prudência da linguagem só seriam possíveis se realizada por aqueles que prezam a verdade das escrituras. Ademais, o autor segue em sua explicação de como e quando aprender a arte da palavra. Para ele, o uso da linguagem requer habilidade, conhecimento de vocábulos e é preciso ter um estilo. Ele indica o aprendizado aos jovens que não estão ocupados por trabalhos mais urgentes, que possuem vivacidade e facilidade em assimilar a eloquência, para ler e ouvir outros oradores. Deste modo, o aprendiz deve exercitar a escrita, o ditado e a exposição de suas ideias de forma humilde. Nessa perspectiva, entende-se que para Agostinho é preciso, além de seguir os bons exemplos, ler e escutar discursos para aprender a ser um bom orador.

Agostinho possui uma ideia de um orador modelo, ou, um modelo de formação de homem. Para ele, é pregador aquele que ensina e interpreta as escrituras, ensinando a diferença entre o bem e o mal, sendo que a tarefa deste educador é:

[...] tratar de conquistar o hostil, motivar o indiferente e informar o ignorante sobre o que deve ser feito ou esperado. Mas ao encontrar ouvintes benévolo, atentos, dispostos a aprender ou que os tenha assim conquistado, deverá prosseguir seu discurso como pedem as circunstâncias (Agostinho, *A doutrina cristã*, IV, c. 4, § 6, 2002, p. 211).

<sup>5</sup> Não entraremos no mérito da discussão epistemológica de verdade em Agostinho de Hipona. No entanto, explicitaremos uma das influências na sua busca pela verdade e sabedoria, que foi Cícero (106-43 a. C). Na juventude, ele leu *Hortênsios* e escreve que foi despertado para a vida filosófica: “[...] Devo dizer que ele mudou os meus sentimentos e o modo de me dirigir a ti; ele transformou as minhas aspirações e desejos. [...] Eu passei a aspirar com todas as forças à imortalidade que vem da sabedoria” (Agostinho, *Confissões*, 1997, p. 70). Entretanto, no decorrer de sua vida, principalmente na conversão, passa a entender que a verdade e a sabedoria só podem estar nas escrituras e vir de Deus. A verdade seria uma iluminação dada por intermédio do estudo das escrituras que levaria o homem a ter sabedoria e felicidade. No entanto, na discussão do artigo nos interessa o que ele entende por verdade no Livro IV do tratado *A Doutrina Cristã*. O doutor de Hipona acrescenta no livro IV que a docilidade das palavras, a vida virtuosa, boa reputação diante dos homens e de Deus, serve para tratar as palavras e a linguagem com sabedoria e ensine com um bom discurso. A linguagem temperada e o aprendizado das sagradas escrituras serviriam como preceito de verdade.

Claramente, há um propósito e uma intencionalidade nesse discurso do autor, uma vez que observa que a instrução deve ser de ensino que tenha um modelo a ser seguido para se alcançar o seu objetivo principal que é o de formar um sábio que seja um orador humilde.

Outro aspecto que devemos levar em consideração é o uso da sabedoria em detrimento da eloquência. Observamos a importância do uso da sabedoria como uma finalidade de utilidade. Assim, o orador em si, só se torna útil se conseguir tornar o conteúdo dos seus argumentos útil aos ouvintes. Sob este aspecto, é importante destacar que Agostinho não despreza a eloquência, mas a considera inútil se ela não for constituída pela sabedoria e pela humildade.

É preciso que o orador, capaz de discutir ou de falar — se não com eloquência, ao menos com sabedoria —, assuma esse trabalho de que tratamos aqui, em vista de ser útil a seus ouvintes. Ainda que seja menos útil do que o seria se fosse capaz de falar com eloquência. Ao contrário, o orador que exorbita numa eloquência sem sabedoria deve ser tanto mais evitado quanto mais os ouvintes sentem prazer ao ouvi-lo expor inutilidades. Pois podem pensar, ao ouvi-lo falar eloquentemente, que escutam a verdade (Agostinho, *A doutrina cristã*, IV, c. 5, § 7, 2002, p.212).

Em virtude disso, destacamos a necessidade do uso das palavras de forma correta porque a eloquência pode esconder a mentira. Com efeito, para o autor, o uso de vocábulos rebuscados é vazio, caso não tenha um objetivo e uma utilidade. Ora, desta forma, vemos a necessidade de sermos coerentes ao instruir, pois caso não tenhamos consciência e responsabilidade, podemos incorrer apenas no uso da eloquência sem sabedoria. De acordo com Agostinho, somente ao ser iluminado pelas escrituras é possível fazer uso próprio da razão. Nesse ponto, o uso da razão para Agostinho significa a sabedoria que é dada ao homem a partir da compreensão das sagradas escrituras. Caso o professor não tenha a apropriação e entendimento das escrituras por meio da leitura, da memorização e compreensão, não teria condições de ensinar a verdade das escrituras. Nesse ponto, devemos considerar que naquele momento, o autor em questão, considera como a iluminação Deus a possibilidade de o homem usar o raciocínio lógico e científico. Compreender as relações humanas, econômicas, sociais e culturais neste momento é possível por meio do ideal cristão de homem, ou, pelo cristianismo, como instituição.

Um outro aspecto que nos chama atenção para o texto, incide no fato de que é preciso seguir um exemplo e repetir hábitos para que se aprenda. Na primeira parte do livro IV vemos que o autor aconselha ao orador que leia, escute e imite, àqueles que falam de forma eloquente e sábia. Agostinho ressalta esse exercício como o mais importante, até mesmo que as lições. Logo, podemos dizer que os exemplos podem ser mais efetivos. Podemos inferir dessa máxima

agostiniana que a criança aprende mais com os atos práticos do adulto, do que com o que é instruída a realizar. Além de pedir ao orador que siga os bons exemplos, Agostinho faz um estudo das cartas paulinas<sup>6</sup> e as profecias de Amós<sup>7</sup> sobre a importância de analisá-las como exemplo de boa oratória.

### 3 - A oratória nos textos sacros

A respeito da oratória nos textos sacros, o autor destaca a importância de reconhecermos que os autores sacros eram sábios e eloquentes; mas, eloquentes com prudência e respeitando suas personalidades. Neste ponto, é bom lembrar que ele traz dois exemplos de oradores: o apóstolo Paulo e o profeta Amós. Ambos, homens de destaque em suas funções nos textos bíblicos. As cartas paulinas trouxeram, em seu interior, instruções sobre como os cristãos do novo testamento deveriam se portar e as profecias de Amós revelam ao povo de Israel a maneira que eles deveriam ser conduzidos para alcançar sua própria redenção. Pensando que os escritos dos dois personagens são textos literários, repletos de alegorias<sup>8</sup> e metáforas<sup>9</sup> para convencer o povo a seguir regras para manutenção da boa convivência em sociedade prezando o propósito formativo, ou seja, a instrução do povo por intermédio de regras de boa convivência.

As questões suscitadas pelo autor advertem ao leitor que o exercício do orador é para aqueles que sabem interpretar as escrituras com sabedoria, tomando como exemplo os homens sacros e com a mesma clareza na exposição que eles tiveram. No entanto, chama atenção para que não caiam na armadilha de escrever com certo mistério, como os homens sacros, pois isto atrapalha a compreensão exata do que se quer dizer. Esse exemplo de Agostinho pode nos apontar pistas para os nossos textos acadêmicos: escrever de forma que os nossos textos sejam precisos e sem obscuridade na interpretação.

Conforme o autor, é preciso falar em consonância com o auditório escolhido. Com efeito, o nível de dificuldade que imprimiremos no nosso discurso ou texto deve ser adequado

---

<sup>6</sup> As epístolas de Paulo, ou, cartas paulinas são ao todo 14 livros encontrados no Novo Testamento da Bíblia. São cartas escritas para as comunidades que o apóstolo conviveu antes de ser preso.

<sup>7</sup> Personagem bíblico, pastor de ovelhas. Foi considerado um homem comum que ouviu o chamado para ser profeta. Não consta que ele tenha aprendido a ser profeta ou pertencido a um grupo específico de profetas. O que pode ser excluído, era que ele fosse um camponês iletrado. Segundo a leitura do livro de Amós, compreendemos que a fala dele era livre de preocupação com a opinião pública e servia como exortação ao povo de Israel. Para melhor compreensão sugerimos a leitura do livro de Amós, encontrado na Bíblia.

<sup>8</sup> A alegoria é vista como uma figura de linguagem usada por aqueles que utilizam –se do recurso da retórica, desta forma, a linguagem alegórica extrapola o sentido original e se distancia da linguagem denotativa. Vista como recurso para dar mais expressividade ao discurso, serve para tornar mais amplo o significado de uma palavra. Quanto a retórica, em seu sentido original, pode ser entendida como um sistema de normas que ensinam usar corretamente a linguagem para a construção de textos e diálogos persuasivos (cf. Silva, 1990).

<sup>9</sup> Metáfora, no sentido de figura de palavra, enquanto comparação implícita.

ao público, todavia, ser claro não pressupõe ser simplista ou negligente. A clareza não pode ser a arrogância de subestimar o público e pensar que nossa audiência seria incapaz de absorver palavras novas ou difíceis: “O desejo diligente de ser claro leva, às vezes, a negligenciar palavras eruditas para não ter de se preocupar com frases bem soantes. Procurar sobretudo ser claro e dar a conhecer a verdade a que se visa apresentar” (Agostinho, *A doutrina cristã*, 2002, p. 229). Trazendo para nossa realidade, poderíamos dizer que não devemos subestimar a inteligência dos nossos estudantes, por exemplo, e deixar de oferecer a eles a possibilidade de ter contato com a literatura clássica ou textos mais densos: “Dá-se renúncia à elegância, não, porém, para cair na trivialidade” (Agostinho, *A doutrina cristã*, IV, c. 10, §24, 2002, p.230).

Acresce que para efeito de aprendizagem a sugestão é que o mestre evite palavras que não ensinam. De fato, é preciso lançar mão de vários recursos para o ensino, desde que o fim seja a elucidação daquilo que se considera a verdade do que deve ser ensinado e aprendido. Outro ponto no ensino, para levarmos em consideração na exposição, é prestar atenção no seu público, pois os gestos que o auditório faz em concordância com o que está sendo proferido, nem sempre significa que houve a devida apropriação de conhecimento. O conselho é que: enquanto não se percebe no público a expressão facial de compreensão, faz-se necessário apresentar a mesma sentença de formas diferentes até o ponto que se percebe que houve entendimento. Observamos com isso, que a experiência daquele que ensina é fundamental para perceber as nuances expressas pelas pessoas, sejam elas por linguagem corporal ou na oralidade. Por fim, o autor deixa claro que aquele que ensina precisa estar certo do seu próprio discurso e de seu conteúdo:

Ora, a melhor forma de ensinar é aquela pela qual quem escuta não só ouve a verdade, mas a entende. E quando se tiver conseguido isso, é preciso não mais se ocupar da questão tratada, sob pretexto de ensinar mais tempo. Contentar-se, quando for o caso, de lembrá-lo para gravar no coração. E nessa ocasião, empregar a medida certa para não acontecer de levar ao aborrecimento (Agostinho, *A doutrina cristã*, IV, c. 10, §24, 2002, p. 232).

Assim, o que podemos observar é que, deve existir sempre comprometimento e responsabilidade, quando se trata de ensinar e de aprender, pois as palavras não são apenas palavras. O uso da linguagem resulta, portanto, na construção de um texto que possui expressividade, delimitação e estrutura, trata-se de um conjunto de regras que conceitua nossa comunicação e é utilizada como instrumento para chegar até o outro. O cuidado deve ser constante e minucioso, pois o autor descreve sobre o fato de que o que falamos fica gravado na

mente de quem ouve. Portanto, o discurso deve ser empregado de forma consciente para não causar fastio ao ouvinte. São esses aspectos que colaboram e distinguem o bom educador.

O doutor de Hipona insiste na instrução do outro com profundidade, ou seja, enquanto o orador não for entendido, não pode abandonar a explicação. O que sugere que não há o questionamento por parte do orador se há dúvidas. Porém, o orador deve saber, pela expressão facial do auditório, se o que foi dito, foi compreendido, porque alguns dos ouvintes entendem com facilidade, mas, não devemos supor que todos entendam do mesmo modo ou com a mesma facilidade.

Ser agradável ao público ouvinte, não significa que a narrativa possa ser feita de modo descuidada. Na função de ensino, a boa arguição é feita no sentido de cumprir com o dever de esclarecer o que está incompreensível. Assim, falar é um ato de formação que expressa ideias e conhecimento, logo, não deve ser feita de forma trivial. De acordo com Agostinho, a linguagem é o alimento para o saber. O bem instruir é uma preocupação que deve vir antes do convencer, e instruir para Agostinho, está relacionado a falar a verdade sendo ela agradável ou não. Essa capacidade de instrução irá reverberar na condição de raciocínio e memória do público ouvinte. O bom mestre educa para a excelência, de forma moderada responde a todos e coopera para a integração do saber.

Por fim, destacamos um último aspecto das reflexões de Agostinho que se aos estilos na arte da oratória. Ele chama atenção para três objetivos do orador: “Disse certo orador — e disse a verdade — que é preciso falar “de maneira a instruir, a agradar e a convencer”. Depois, acrescentou: “Instruir é uma necessidade; agradar, um prazer; convencer, uma vitória” (Agostinho, *A doutrina cristã*, IV, c.12, § 27, 2002, p.233). Desta forma, vemos que o primeiro objetivo é instruir de maneira que as ideias que foram expostas sejam compreensíveis. Não as expor de qualquer maneira. Podem ser ditas de forma agradável, mas, sempre no sentido de instruir, pois tocar as pessoas por meio do que ensinamos é uma arte. A arte de saber dizer a verdade de forma coerente, fácil e direta. A leitura de Agostinho nos permite compreender que a instrução é uma tarefa da qual prescinde a verdade, a verdade pode não ser agradável, mas, como ela deve ser dita, sim.

### **Considerações finais**

Ao final de nossas reflexões, observamos que buscamos evidenciar como Agostinho de Hipona entende a arte da oratória e o estudo da arte da oratória nos textos sagrados. Para ele, se faz necessário descobrir a melhor maneira de ser compreendido pelo público-alvo, que no caso

dele eram os cristãos. No Livro IV ele se dedica sobre como ensinar a doutrina cristã e explicita que ele deveria ser realizado de forma simples e sábia.

O autor salienta a necessidade do cuidado com as palavras porque elas podem servir para o bem e para o mal. Constatamos, por meio de nossa leitura, que a palavra e a linguagem precisam ter estilos ricos e, ao mesmo tempo atingir o público de forma que ele compreenda o que foi expresso.

Assim, observamos que há um modelo de formação humana nos escritos agostinianos que propõe que desde o ensino para as crianças até o ensino aos adultos, deva ser feito de modo que haja uma fala correta, uma boa gramática e uma sábia eloquência. Faz-se necessário não somente ler, mas, incentivar a escrita, ao ditado, a composição e a exposição das ideias.

Tais ações seriam possíveis seguindo bons exemplos e bons hábitos. O bom proceder do mestre incluiria até mesmo conquistar aqueles que se demonstrassem hostis ao aprendizado. Isso revela que precisamos nos esforçar para motivar nossos educandos e repassar o conhecimento de forma que alcance a todos.

Dessa maneira, instruir requer a capacidade de ler bem, escutar, imitar aqueles que são bons com, para ensinar ao outro e convencer sobre as práticas corretas com humildade e seriedade.

No Livro IV, observamos que o autor, com desvelo, demonstra a importância e o cuidado minucioso para que o outro possa aprender, principalmente com o apoio da verdade, que segundo o autor não deve ser poupada. Além de ser verdadeiro, é preciso ter clareza no ensino. Não devemos subestimar nosso público e deixar de usar palavras eruditas pensando que eles não compreenderam, outrossim, devemos repetir de forma variável o mesmo assunto até que percebamos pelas expressões da nossa plateia que fomos compreendidos.

Portanto, ficou claro após leitura desta obra que houve por parte do autor um esforço para ter um modelo de orador sacro que soubesse das regras eclesiásticas, da arte da oratória, da análise da oratória e do estudo. Este modelo de homem contribuiu para o ensino dos homens no medievo. O exemplo de Agostinho nos fez refletir sobre a importância de um educador que se preocupe com o educando demonstrando apego pelo conhecimento e seriedade com o ensino.

## Referências

AGOSTINHO, Santo. *A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. Tradução e introdução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de Maria Luiza Jardim Amarante. São Paulo: Paulus, 1997.

BARDY, Gustave. *Saint Augustin: l'homme et l'oeuvre*. Paris: Desclée de Brouwer, 1946.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

BRAUDEL, Fernand. *História e ciências sociais*. 6. ed. Lisboa: Editora Presença, 1990.

HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva e memória individual. *In: A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 7. ed. revista. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

OLIVEIRA, Nair de Assis. Introdução. *In: AGOSTINHO, Santo. A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã*. Tradução e introdução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002.

PORTALIÉ, Eugene. Saint Augustin. *In: VACANT, A. (org.). Dictionnaire théologie catholique*. Tomes I et II. Paris: Letouzey et Ané, Éditeurs, 1931.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia 2: Patrística e Escolástica*. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

SEVERINO, Antônio Joaquim. A busca do sentido da formação humana: tarefa da filosofia da educação. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.3, p. 619-634, 2006.

SILVA, Vítor Manuel. *Teoria e metodologias literárias*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990.

Recebido em: 02/09/2024.

Aprovado em: 13/12/2024.